

CRÍTICA BIOGRÁFICA: LITERATURA E POLÍTICA DA AMIZADE

Pedro Henrique Alves de Medeiros^{1*}

Resumo: Este artigo propõe uma leitura crítica biográfica do conceito de amizade e de encontros literários. Sendo assim, nossas afirmativas se sustentam pelos postulados de Jacques Derrida em *Políticas da amizade* (2003), Francisco Ortega em *Para uma política da amizade* (2000) e Eneida Maria de Souza em *Crítica cult* (2007) e *O século de Borges* (2007). Nesse sentido, nossa metodologia é de cunho bibliográfico sendo guiada por filósofos e críticos literários. Por fim, chegamos à conclusão de que todas as relações são políticas, sobretudo, as de amizade e que, pelo crivo da metáfora, autores podem ser aproximados, tornando-se, assim, amigos.

Palavras-chave: crítica biográfica; amizade; política; literatura; cultura.

Resumen: Este artículo propone una lectura crítica biográfica de los conceptos de amistad y de encuentros literarios. Así, nuestras afirmativas son sostenidas por los postulados de Jacques Derrida en *Políticas da amizade* (2003), Francisco Ortega en *Para uma política da amizade* (2000) y Eneida María de Souza en *Crítica cult* (2007) y *O século de Borges* (2007). De esta manera, nuestra metodología es de cuño bibliográfico siendo guiada por filósofos y críticos literarios. Por fin, concluimos que todas las relaciones son políticas, sobre todo, las de amistad y que, por el criba de la metáfora, autores pueden acercarse, llegando a ser, así, amigos.

Palabras clave: crítica biográfica; amistad; política; literatura; cultura.

¹ * Este artigo é um dos frutos do projeto de pesquisa contemplado com bolsa PIBIC/CNPq intitulado “Silviano Santiago: mil rosas (auto)biográficas”, UFMS/NECC sob orientação do professor Dr. Edgar César Nolasco.

1. Amizade: um *ethos* do distanciamento

A boa amizade supõe, claro, um certo ar, um certo toque (*Anstrich*) de intimidade mas uma intimidade sem intimidade propriamente. Ela manda-nos sabiamente prudentemente (*Weislich*) abster de toda a confusão, de toda a permutação (*Verweschlung*) entre as singularidades do tu e do eu. E eis que se anuncia a comunidade sem comunidade dos pensadores por vir. (DERRIDA, 2003, p. 74)

Este artigo propõe-se a discutir criticamente o conceito de amizade em perspectivas político-literárias. Nesse sentido, a escolha da epígrafe supracitada possui um intuito claro e objetivo: desconstruir a noção de amizade enquanto fraternidade – conceito este desenvolvimento e (re) pensado no decorrer deste texto.

Essa discussão estará atravessada pelo pensamento de Jacques Derrida em *Políticas da amizade* (2003), Francisco Ortega em *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault² e, sobretudo, Eneida Maria de Souza em *Crítica cult*, “Teorizar é metaforizar” e *O século de Borges*. A fim de iniciarmos a discussão, analisemos a definição de amizade a partir do dicionário Michaelis online:

1. Sentimento de afeição, estima, ternura etc. que une uma pessoa a outra sem implicar, necessariamente, a existência de laços de família ou de atração sexual.
2. Bondade de ânimo para com alguém; benevolência, generosidade, humanidade.
3. Pessoa amiga; companheiro, camarada.
4. Apreço, estima ou camaradagem entre grupos ou instituições. (MICHAELIS, 2017)

Isto é, pensando a amizade a partir do dicionário ou mesmo do senso comum, tal conceito estaria associado à fraternidade, à ternura, à compaixão, à camaradagem. Entretanto, tais definições só são úteis no

2 Francisco Ortega é natural da Espanha, Madri. Nasceu em 1967 é doutor em filosofia pela Universidade de Bielefeld (Alemanha) e atua como professor visitante no Instituto de Medicina Social da UERJ. Possui livros publicados sobre Foucault e a obra aqui utilizada *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault é resultado de vários cursos ministrados em universidades, como a UFF e a Unicamp.

plano do senso comum. Quando nos propomos a pensar de maneira crítica de acordo com os teóricos citados, veremos que a amizade é muito mais complexa do que o senso comum acredita. Segundo Ortega à luz de Derrida, nem tudo que parece ser é:

O objetivo de Derrida seria nos mostrar como em tudo o que nos parece natural, familiar, se esconde ao mesmo tempo, o sinistro, o estranho, o lúgubre. A descoberta de Freud do duplo significado da palavra alemã *heimlich* (ao mesmo tempo familiar e oculto), que coincide com seu oposto, *unheimlich* (sinistro, estranho), leva Derrida a desenvolver uma estratégia de leitura que, partindo do familiar, do natural do conhecido, desemboca no seu oposto. (ORTEGA, 2000, p. 51)

Além disso, ainda na esteira de Derrida, Ortega tece uma crítica às análises sociológicas e filosóficas que desconsideraram e puseram de lado o aspecto crítico do fenômeno da amizade, despolitizando-a. Assim, o filósofo espanhol elenca algumas características constitutivas da experiência da amizade segundo Nietzsche, Blanchot e Jean-Nuc Nancy:

Em *Politiques de l'amitié*, Derrida mostra como, para Nietzsche, Blanchot e Jean-Luc Nancy, entre outros, *distância infinita*, *assimetria*, *irreciprocidade*, *divisão* e *esquecimento* constituem a experiência da amizade. Ou seja, esses são precisamente os elementos que nunca são considerados nas análises sociológicas e filosóficas do fenômeno da amizade. (ORTEGA, 2000, p. 79)

Dessa forma, adentramos ao campo do porquê utilizamos a epígrafe de Derrida retirada do livro *Políticas da amizade* para abriremos a discussão. O filósofo franco-magrebino afirma que uma boa amizade é marcada por um toque de intimidade sem a intimidade propriamente dita. Ou seja, para que uma amizade seja definida como boa deve-se haver um distanciamento de um amigo para o outro, sobretudo, no que convém à fraternidade:

251. Na separação (*Im Scheiden*). Não é na maneira como uma alma se aproxima da outra, mas na sua maneira de se afastar que eu reconheço a sua afinidade e parentesco com a outra (*Verwandschaft und Zusammengehörigkeit MIT der ander*). (T.2) (DERRIDA, 2003, p. 67)

Logo, sob o plano da teoria, a amizade se funda a partir do distanciamento, da separação, pois só assim o parentesco e a afinidade são reconhecidos – noções que o senso comum não leva em consideração, visto que a conceituação é atravessada pela fraternidade. Desse modo, ao engendramos uma nova política da amizade, os filósofos buscam desconstruir o estigma de que amizade está imbricada à fraternidade. Para eles, ambas devem ser distanciadas, a noção de amizade deve ir além. Ortega ressalta:

Dada que a sua proposta é apresentar uma nova *política da amizade* (possível ou impossível), deve tentar desconstruir a ligação entre amizade e fraternidade, presente em todos os discursos, para criar o espaço de uma nova amizade e uma nova democracia para além da fraternidade, para além da fraternização. (ORTEGA, 2000, p. 67)

Em vista disso, achamos necessário grifar o uso da expressão “política da amizade” – nomenclatura referente aos dois livros –, pois sua utilização não é aleatória. Outro ponto que diverge da noção banal acerca da amizade é a inexistência de caráter político. Para os filósofos Derrida e Ortega, a expressão da amizade é dotada de natureza política na qual se funda a partir do espaço e *processo público, um acontecimento no mundo*: “[...] a amizade representa, como veremos, um ‘exercício do político’, um apelo a experimentar formas de sociabilidade e comunidade, a procurar alternativas às formas tradicionais de relacionamento” (ORTEGA, 2000, p. 23).

Já no que convém à consciência da formação da identidade do sujeito e, subsequente, da amizade no espaço público, Ortega (2000, p. 29) afirma:

A formação da identidade é um processo público, um acontecimento no mundo. Nas lutas contra formas de subjetivação, à procura das novas formas de subjetividade e sociabilidade, como a amizade, o sujeito se constitui no mundo compartilhado por outros indivíduos.

Derrida, sob a ótica do conceito de amizade extrínseco à fraternidade, o define como *revolução do político; uma revolução sísmica no conceito político de amizade herdado*. Isto é, há o mito social de que a amizade está associada apenas às noções fraternalistas e comodistas; contudo, Derrida desloca tal crença, visto que não há como falar de amizade sem passar pelo crivo do político – relações sociais pressupõem política.

Ortega, em confluência com Derrida, também teoriza acerca do caráter político da amizade; para ele, o fraterno dissipa a pluralidade constituinte da diversidade, pois pressupõe uma ideal de que todos são irmãos, são iguais: o que é uma inverdade, nenhum sujeito é igual ao outro. Para Ortega, o amor e a fraternidade apresentam-se como *forças antipolíticas* – o que vai de encontro com a teoria política proposta pelos filósofos:

[...] a amizade exprime mais a humanidade do que a fraternidade, precisamente por estar voltada para o público. Ela é um fenômeno político, enquanto a fraternidade suprime a distância dos homens, transformando a diversidade em singularidade, anulando a pluralidade. [...] Assim como a fraternidade e o amor se apresentam como forças antipolíticas, Arendt também critica a família e o parentesco como modelos de organização política. (ORTEGA, 2000, p. 31)

Além disso, segundo o filósofo, a partir das discussões propostas por Arendt, Derrida e Foucault, o conceito de amizade serve como um modo de se reinventar a noção do político. Ou seja, os debates propostos pelos teóricos supracitados estabelecem a função de traçar alternativas à despolitização, característica das sociedades alocadas na contemporaneidade. A amizade é proposta, sobretudo, como ato político – a procurar de alternativas a formas de relacionamento já institucionalizadas.

Outro ponto preponderante à teoria da amizade está relacionado à comodidade em duas medidas: uma, enquanto o sujeito restringe-se à existência privada e à permanência no seio familiar. Outra, na qual a amizade estabelece-se seguindo um paradigma não crítico, quer dizer, o amigo mantém-se confortável para com o outro, não estabelece críticas e, portanto, silencia-se.

Sendo assim, diante da primeira medida, Ortega sob a pluma de Hannah Arendt³ afirma: “somente podemos ter acesso ao mundo público, que constitui o espaço propriamente político, se nos afastarmos de nossa existência privada, e do pertencimento à família, a que nossa vida está unida” (ARENDR *apud* ORTEGA, 2000, p. 32) E ressalta: “[...] a amizade seria deslocada da esfera privada, da intimidade, para o mundo, a sociabilidade, o público.” (ORTEGA, 200, p. 57). Logo, o distanciamento, dos amigos ou

3 Hannah Arendt é natural de Linden, Alemanha. Nasceu em 1906 e faleceu em 1975, foi uma filósofa política judaica e utilizada por Francisco Ortega para engendrar sua discussão política sobre a teoria da amizade.

da família, é enriquecedor na medida em que leva o sujeito a acessar o espaço público e político por excelência.

Já no que concerne à segunda medida, o conforto entre amigos, com base em Ortega sob a égide de Nietzsche, deve ser extinto. A amizade deve estar enviesada sob o crivo do desafio, da transformação, da pluralidade. Quando um amigo fala e o outro apenas escuta, concordando, não há o estabelecimento da transformação; logo, a amizade é banalizada, como no senso comum.

Os filósofos citados propõem uma amizade política imbricada pelas tensões, contradições, fatores que não anulariam as diferenças entre os sujeitos. Assim, o filósofo espanhol relendo os pensamentos nietzschianos, critica a postura dos bons amigos: aqueles que sempre se posicionam a favor do amigo e nunca estabelecem críticas, fortalecendo, desse modo, o caráter identitário do ser. A amizade enriquece-se quando há a transformação, o agonismo, o desenvolvimento das diferenças, podendo funcionar como uma unidade de aperfeiçoamento: uma *ascese*.

Porém, tomar como base uma amizade agonística, transformadora, não quer dizer que esta estará sempre atravessada pelo conflito, pelo dissenso. O que se deve estabelecer é o questionamento. As relações em que não há o questionamento, pouco se fazem transformadoras. Pretende-se fugir da noção canônica de amizade enquanto consensual, acrítica e consolidada pela conformidade. Por estar engendrada sob um viés político, o caráter transformacional, deve fazer-se presente:

Uma nova noção de amizade iria contra o ideal clássico (aristotélico-ciceroniano) da amizade, entendida como “igualdade e concordância”; pois, no amigo, não devemos procurar uma adesão incondicional, mas uma *incitação, um desafio para nos transformarmos*. Tratar-se-ia de sermos capazes de viver uma amizade cheia de contradições e tensões, que permitisse um determinado agonismo e que não pretendesse anular as diferenças. [...] Nietzsche critica os “bons amigos”, que sempre dizem o que queremos escutar, sempre concordam [...] Esses amigos são “preguiçosos em excesso, pois, na condição de amigos, acreditam ter direito à comodidade”. (ORTEGA, 2000, p. 90)

Um exemplo da literatura brasileira acerca desse caráter transformacional da amizade está relacionado a Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Pensando em uma perspectiva literária,

Mário de Andrade e Drummond estabeleciam uma relação de mestre-aprendiz presentificada através da epístola. Diante disso, Drummond, certa vez, enviou o poema “Nota social” a Mário de Andrade. Este, no que lhe concerne, aconselha-o a manter uma construção linguística que Drummond quisesse retirar. Isto é, Mário de Andrade, enquanto mestre e amigo desloca-se da noção banal comodista e acrítica da amizade projetando-se ao ideal proposto por Ortega, Derrida e Nietzsche:

Na sua carta-resposta, Mário foi direto: “Gostei. Gostei francamente, embora a sua prosa por enquanto seja mais segura que os seus versos”. Além disso, teceu comentários e fez anotações à margem dos poemas. *Os elogios dividiram espaço com alguns reparos, sobretudo quanto as escolhas vocabulares, de gosto duvidoso e construções gramaticais [...]* que soavam excessivamente afrancesadas ou lusitanas. O melhor exemplo é a polêmica em torno do poema “Nota social”. (FERRAZ, 2013, p. 83)

Portanto, a partir da citação supracitada, nota-se o caráter transformacional da amizade entre Mário de Andrade e Drummond. Visto que aquele não poupa as críticas a este; logo, a amizade entre os autores é condizente com a teoria política da amizade proposta pelos filósofos. Há o distanciamento que, por consequência, promove o aperfeiçoamento; neste caso, do poema em questão.

Ainda no que convém ao exemplo da literatura brasileira, evoca-se a noção proposta do amigo verdadeiro como *imagem (exemplo) de si mesmo*. A projeção de si, no outro. Tal conceito é espelhado pela relação entre Drummond e Mário de Andrade, pois o aprendiz projeta-se no mestre, promovendo, assim, o caráter transformacional, a *ascese* da amizade: “A amizade seria a possibilidade de me citar exemplarmente – pois o amigo é uma imagem (*exemplo*), uma cópia de mim [...]” (ORTEGA, 2000, p. 69)

Já a política da amizade na concepção foucaultiana, estaria embasada em perspectivas plurais, experimentais, na liberdade e na desterritorialização. Esses aspectos da amizade vão de encontro com a noção comum apresentada por ideais da sociologia e filosofia social, no qual amizade seria definida como “[...] uma relação voluntária baseada na transparência da comunicação e na verdade da informação.” (ORTEGA, 2000, p. 89).

Avançando ainda mais as proposições foucaultianas, Ortega elenca outros pontos preponderantes para se pensar a amizade, como a desigualdade,

a hierarquia e a ruptura (ORTEGA, 2000, p. 89). Melhor dizendo, a amizade funcionaria como uma alternativa aos modos operantes de relacionamento já institucionalizados. Há a desconstrução do caráter banal da amizade, descentrando-a do seu caráter comum.

Esse caráter comum estaria associado à proximidade que um amigo tem com o outro. Para Ortega, nas relações de amizade, a partir da perspectiva política, deve-se conservar a distância, a qual o filósofo denomina como “*ethos da distância*” (ORTEGA, 2000, p. 114). Todavia, tal distanciamento não implica renunciar a comunicação nos relacionamentos. Apenas estabelece limites acerca do que é da ordem do pessoal e do público – visto que a amizade está associada ao espaço público. À vista disso, o filósofo espanhol ressalva:

A amizade constitui uma nova sensibilidade e uma nova forma de perceber diferente, baseada no cuidado e na encenação da “boa distância”. Somos capazes de aceitar o desafio de pensar a amizade para além da amizade própria, de imaginar metáforas e imagens para nossas relações de amor e amizade, de usufruir o sabor do dessa nova amizade? TALVEZ. (ORTEGA, 2000, p. 117)

Ademais, Jacques Derrida, ainda sob a égide do distanciamento, difere as noções de amor e amizade. Para ele, aquela possui correlações com a possessão, com o ciúme e, sobretudo, com o egoísmo. Já esta, permeia o âmbito da *distância infinita*, em que características comuns ao amor, como as supracitadas, são postas de lado. Como já citado, o amor e a fraternidade são elementos antipolíticos enquanto, a partir do que pensam os filósofos aqui trabalhados, a amizade se funda como um exercício político. Derrida afirma:

[...] o discurso da boa amizade não cede à proximidade, à identificação, à fusão ou à permutação entre tu e eu. Pôr aí, deixar antes aí, respeitar aí uma *distância infinita*. Justamente aquilo que o amor não sabe fazer, aquilo que a assim se chama, o amor entre os sexos, o próprio egoísmo, o ciúme que não tende senão para a possessão. (*Besitzen*) (DERRIDA, 2003, p. 77)

Sendo assim, outra exemplificação que torna mais palpável a discussão teórica acerca de uma política da amizade refere-se à amizade entre Derrida e Nietzsche. Em *Políticas da amizade*, Derrida explicita a admiração e, por sua vez, sua amizade admirativa com Nietzsche. Entretanto, essa

relação admirativa não faz com que ele não critique alguns posicionamentos quanto à fraternidade a qual o filósofo alemão se vale. Derrida pontua:

Então, sim, o que direi a partir e a respeito de Nietzsche, também a seu favor, será uma saudação aos amigos que acabo de citar ou de nomear. O que também direi *contra* Nietzsche também, talvez, por exemplo quando mais tarde, eu protestar contra as apostas que ele ainda faz numa fraternização. (DERRIDA, 2003, p. 52)

Dessa forma, após abordarmos o conceito de amizade relacionado à fraternidade, desconstruirmos essa banalização e propormos um novo olhar sobre a amizade no que convém ao distanciamento dos amigos e, sobretudo, ao exercício político. Deteremo-nos, agora, a outro recurso da crítica biográfica: as amizades literárias. Amizades propostas a partir do plano da ficção, abalizadas pelas pontes metafóricas criadas entre vida e obra.

2. Amizades literárias e encontros ficcionais: dos laços imaginativos às predileções metafóricas

Uma crítica técnica de Wilde torna-se para mim impossível Pensar nele é pensar num *amigo íntimo*, que não vimos nunca mas cuja voz conhecemos, e que sentimento a falta dia, a sua falta. (BORGES, 1999, p. 493)

Para exemplificarmos nossa discussão teórica sobre esse recurso da crítica biográfica, nos valeremos principalmente do escritor argentino Jorge Luis Borges e algumas das amizades literárias que estão relacionadas ao arquétipo borgiano, como Oscar Wilde ou Clarice Lispector, por exemplo.

Isto posto, Eneida Maria de Souza em *Crítica cult* afirma: “[...] é possível estabelecer laços de amizade literária entre os autores, substituindo-se a tradicional metáfora familiar [...] a partir dos conceitos de influência e de tradição.” (SOUZA, 2007, p. 117). Ou seja, a partir do advento dos estudos culturais e, por conseguinte, da abertura dos estudos literários, as noções canônicas de tradição e influência são deixadas de lado em detrimento das aproximações de ordem metafórica que o próprio escritor pode estabelecer, como no caso de Borges.

O escritor, em certa medida, é deslocado da posição passiva a qual os conceitos de tradição e influência o mantinha. Agora, o autor tem mais

liberdade para manter um círculo imaginário de amigos que possuem interesses comuns aos seus. Esta aproximação sob o crivo da metáfora é tão forte que pode ser realizada até por escritores que estão alocados de maneira distante no tempo, tais associações mantêm independência sobre o que é da ordem do factual ou não: característica decorrente das pontes metafóricas criadas pela crítica biográfica entre ficção e realidade. Segundo Souza (2007, p. 118):

O contato literário entre escritores distanciados no tempo, e participantes da mesma confraria fornece subsídios para que sejam feitas aproximações entre os seus textos, estabelecendo-se feixes de relações que independem de causas factuais mas que se explicam por semelhantes ou diferentes poéticas de vida e de arte.

Sob essa ótica, Derrida, em *Políticas da amizade*, aborda a perspectiva da *amizade de pensamento* (DERRIDA, 2003, p. 51). Que, segundo ele, estaria relacionada aos pensadores e aos textos os quais o filósofo recorria para engendrar seu discurso teórico. Logo, a relação de amizade, como já discutido, é estritamente distinta daquela conhecida pelo crivo da fraternidade. A ideia de amizade aqui debatida por Derrida, através do trato metafórico, associa-se à noção intelectual, a qual o filósofo privilegia aqueles que farão parte do seu círculo imaginativo – como a citação de Souza pontua. O filósofo franco-magrebino afirma:

Estas palavras são, é sabido, de Bataille. Porque é que citamos aqui? Para testemunhar, demasiado brevemente, pobremente, a atenção reconhecida que me leva aqui para pensadores e para textos a que me liga uma *amizade de pensamento* à qual serei sempre desigual. (DERRIDA, 2003, p. 51)

Com isso, Derrida também aborda a noção de amizade através do *abuso de linguagem* (DERRIDA, 2003, p. 49) realizada figurativamente. Se associarmos a discussão supracitada de Souza à proposta por Derrida, ambas, de certo modo, abordam a explanação metafórica da amizade ficcional sob o crivo da linguagem. Ou seja, uma amizade que existe pelo intermédio linguístico, metafórico, ficcional e que por sua vez, elege sua comunidade imaginativa⁴ ou singular comunidade⁵. Segundo Derrida (2003, p. 49):

4 Nomenclatura adotada por Eneida Maria de Souza em *Crítica cult.*

5 Nomenclatura adotada por Jacques Derrida em *Políticas da amizade*.

Uma tal amizade, como será ela possível senão figurativamente? E porque chamar ainda a isso amizade a não ser por abuso da linguagem e pelo desvio de uma tradição semântica? Como poderíamos nós ser não somente amigos da *solidão*, amigos nascidos [...] amigos jurados [...] amigos ciosos da solidão [...] mas convidar-vos ainda a fazer parte desta singular comunidade?

Pensando a partir da noção evocada por Souza (2007) acerca da liberdade que o escritor tem de escolher os membros de seu círculo imaginativo, deslocando-se da posição passiva em relação à influência. Abordaremos, agora, a amizade literária entre duas figuras da literatura mundial: Jorge Luis Borges e Oscar Wilde.

Jorge Luis Borges por ter sido letrado primeiramente em língua inglesa e ser professor de literatura era um grande conhecedor da literatura inglesa e, por consequência, exprimia uma admiração ímpar para com a figura do escritor Oscar Wilde, autor de *O retrato de Dorian Gray* (1890). Entretanto, esse fascínio pela figura de Wilde vai além da ficção, extrapolando “os limites” da realidade – o que é negligenciado pelos conservadores e contra os estudos culturais. Segundo Souza em *O século de Borges*:

[...] o texto literário de Borges é uma referência imprescindível para repensar o século XX como sendo dominado pelo paradigma da ficção e, mais precisamente, pela ausência de *limites entre e a realidade e a sua construção virtual*, os defensores de uma ética literária histórica não se contentam em aceitar tais provocações. (SOUZA, 2007, p. 28)

Desse modo, Souza constata a concepção operacional do texto biográfico por meio de dois eixos teóricos: “[...] a mimetização e a desconstrução dos modelos canônicos da historiografia literária e da abordagem biográfica tradicional.” (SOUZA, 2007, p. 87). Assim, como já mencionado, a crítica biográfica revitaliza as noções de influência e tradição, pois desloca o escritor da posição inerte, permitindo que estabeleça as amizades que lhe melhor convir.

Em vista disso, ocorre a ampliação das possibilidades de redes conectivas entre escritores, parentescos realizados sob a égide das pontes metafóricas entre ficção e vida, há uma ruptura na normalização do processo comparativo. A obra passa a não ser mais entendida como reflexo da vida, mas sim, uma relação metafórica, visto que o é da ordem do real ou do

ficcional, não se faz relevante. Souza (2007, p. 88) afirma:

Expandem-se a rede de conexões, analogias e parentescos entre ficção e a vida, entre correspondências veladas e inconscientes encontradas na obra dos escritores, aparentemente distanciados um do outro. As analogias, ao se inserirem na cadeia metafórica de relações, rompem com a naturalização do processo comparativo [...]

Partindo desses pressupostos teóricos elencados por Souza e Derrida, Borges, através da amizade literária, encarna a obra póstuma de Wilde⁶ na medida em que, ao exilar-se voluntariamente em Genebra, o argentino busca um hotel para mimetizar, encenar sua morte *à la* Wilde. Logo, por meio das pontes metafóricas, as fronteiras entre ficção e vida são diluídas.

Há uma fetichização do lugar, o hotel é transformado em um símbolo de propriedade wildiana, sob o viés metafórico. Pelo fato de o escritor inglês ter morrido naquele espaço, o ambiente é mitificado, sacralizado. Desta maneira, Borges, ao se propor mimetizar a morte do amigo, experimenta o encontro imaginário com Oscar Wilde por intermédio da morte e, sobretudo, da ficção. Segundo Souza (2007, p. 113):

O conceito de literatura em Borges recupera a estética da existência wildiana, através da qual a ficção cria realidades e a vida imita a arte. Encontros ficcionais e amizades literárias formam redes e possibilitam o diálogo entre vozes no espaço aberto da ficção: “Uma crítica técnica de Wilde torna-se para mim impossível. Pensar nele é *pensar num amigo íntimo*, que não vimos nunca, mas cuja voz conhecemos, e que sentimos a cada dia sua falta.”

Borges, ao visitar o lugar em que Wilde morreu, reitera a noção de amizade literária, pois mesmo que ambos nunca tenham se encontrado, possuíam uma amizade intermediada pela ficção. Para o argentino, como na citação anterior, o inglês era tido como um “amigo íntimo” que, apesar de nunca terem se encontrado de modo físico, aquele sentia falta deste.

⁶ Oscar Wilde morreu desconhecido em um hotel na França no ano de 1900. Cf. *O século de Borges* de Eneida Maria de Souza.

Assim sendo, segundo Eneida, Borges ao escolher mimetizar a morte do inglês, cumpre, novamente, seu destino literário. A morte é encarada como um ato ficcional da própria vida. A professora mineira afirma que quando a morte “real” do argentino se concretiza, ocorre um processo que “[...] vem selar o caráter duplo da existência e da ficção, superfícies textuais nas quais a morte simbólica é de várias maneiras dramatizada.” (SOUZA, 2007, p. 115).

Um exemplo que se relaciona às referências a Wilde na escrita borgeana e às pontes metafóricas estabelecidas entre ficção e realidade está no livro *Atlas* (1984) – obra que reúne textos acerca da viagem de Borges e María Kodoma pela Europa – no texto “Nota ditada em um hotel do Quartier Latin”. Pois, ao visitar a França, Borges finalmente conhece o local que Wilde morreu. E, ressalta: “Esse hotel é agora o hotel L’Hôtel, onde ninguém pode encontrar dois quartos iguais.” (BORGES, 1999, p. 493) Logo, ao mimetizar a morte do seu amigo imaginário em Genebra, faz-se apenas uma representação, dado que como o argentino já afirmara, não existem dois quartos iguais. Conforme explicitado anteriormente, há a fetichização do ambiente e, sob a perspectiva ficcional, a propriedade do inglês sobre o espaço de sua morte.

Ainda pensando nas questões tangíveis à morte, Borges em entrevista a Osvaldo Ferrari⁷, faz pontuações acerca da morte do amigo – não um amigo específico, apenas um amigo. Para ele, em certa medida, a imagem do amigo se torna mais forte após sua morte, ela não é modificada pelo tempo e torna-se passível de mudanças a partir dos manejos:

Ou seja, quando alguém morre, temos uma imagem dessa pessoa que não está modificada pelas circunstâncias contemporâneas, e pode-se manejar essa imagem do jeito que quiser. De modo que poderíamos dizer que a imagem do amigo seja talvez mais forte após a morte do amigo, e, além disso, podemos ajustá-la, não? (BORGES; FERRARI, 2009, p. 133)

Portanto, até o momento, tratamos das amizades literárias apenas do ponto de vista do escritor que elege seu círculo imaginativo de amizades. Todavia, a crítica biográfica também proporciona encontros e amizades engendrados através dos críticos que podem aproximar escritores de tempos ou até mesmo lugares distintos. Tais encontros podem ser muito rentáveis no que convêm as fontes conceituais. Souza, em “Teorizar é metaforizar”, ressalta:

⁷ Osvaldo Ferrari é argentino, jornalista, poeta, ensaísta e professor universitário.

Embora a proposta literária do escritor-crítico tenha se voltado para a indagação sobre o ato de escrever e dos *encontros ficcionais entre escritores* – e por este motivo seja criticado pelos adeptos da literatura como fruição –, é ainda por esta via que grande parte dos argumentos teóricos contemporâneos encontra aí rentável fonte conceitual. (SOUZA, 2016, p. 220)

Para Souza, a prática teórica não se consolida de maneira individual, é alimentada por outras, como a de *ficcionalizar, vivenciar e metaforizar* (SOUZA, 2016, p. 218). Logo, há a desmistificação de que teoria e ficção são polos opostos. A crítica biográfica, em detrimento dos estudos culturais, trabalha na contraposição de binarismos modernos e excludentes, isso justifica o porquê da formação de pontes metafóricas o que é da ordem ficcional e do real.

A fim de exemplificar os encontros ficcionais propostos por críticos, utilizaremos o texto “Uma história secreta” de Edgar Cêzar Nolasco⁸ presente no livro *Quem tem medo de Clarice Lispector?* O enredo baseia-se no encontro ficcional entre Jorge Luis Borges e Clarice Lispector na cidade do Rio de Janeiro:

[...] Qual o seu nome? Sou Jorge Luis Borges, já ouviu falar? Ora se já, tenho em casa quase todos os livros. Quando eu era mais jovem, lia feito uma doida, lia de tudo. Foi por essa época que descobri sua obra fantástica. [...] Você escreve, ele perguntou? Eu escrevo umas coisas, ela disse. Mas não chamo de literatura. (NOLASCO, 2014, p. 15)

É válido ressaltar que a escolha do autor argentino e da ucraniana não foi aleatória; essa opção se dá do mesmo modo operacional que as amizades estabelecidas pelos próprios escritores – à la Borges e Wilde. Nolasco faz suas escolhas baseadas no seu círculo imaginativo de autores, aqueles os quais possuem características que o atraem. Logo, pressupõe-se uma relação biográfico-metafórica entre o crítico e seu objeto de estudo.

Assim, nos propusemos desmistificar algumas concepções acerca do conceito de amizade como uma perspectiva política sob a égide de Jacques Derrida e Francisco Ortega. Além disso, buscou-se ressaltar o caráter ficcional da teoria, a qual, segundo a crítica biográfica, está desvinculada de paradigmas

⁸ Edgar Cêzar Nolasco é coordenador do NECC (Núcleo de estudos culturais comparados), professor de teoria da literatura na UFMS, professor de literatura comparada no programa de mestrado em linguagens e, sobretudo, como ele mesmo define, um obsesso por Clarice Lispector.

binários e excludentes – como a oposição vida/obra, teoria/ficção. O olhar dubio é posto de lado, e ampliam-se as fronteiras da ficção e da realidade sob o artifício metafórico da linguagem – segundo Eneida Maria de Souza.

3. Notas finais

A figura de um amigo, ou melhor, qualquer amizade, demanda, desde o princípio, uma aliança, um compromisso sem *status* institucional, reservando o espaço necessário à crítica. Esse espaço já é o lugar onde o crítico habita, trabalha, escreve e ensina, por exemplo. O crítico encontra-se nesse espaço e dele demanda a presença do amigo. Um espaço político, por excelência, para fazer alusão ao livro *Políticas da amizade*, de Derrida [...] (NOLASCO, 2010, p. 38)

Portanto, neste ensaio, objetivou-se problematizar a concepção de amizade fraternal à luz das discussões arroladas por Jacques Derrida e Francisco Ortega. Como explicitado, a amizade é uma relação política e transformadora por excelência. E, para que esta consiga cumprir seu papel, sua *ascese*, é preciso que se mantenha a boa distância para que, ali, se fundamente a crítica.

Nesse sentido e relendo a epígrafe desta conclusão, o crítico, quando se propõe a falar do outro, do amigo, do objeto, também deve manter essa “boa distância” (NOLASCO, 2010) que reserva o espaço necessário para a crítica. Essa lacuna entre o intelectual e o objeto é justamente o lugar onde o crítico habita: um espaço político, transformacional e que não reafirma as próprias identidades, mas sim, as transforma.

Segundo Nolasco, na esteira de Derrida, *nunca falamos daquilo que não admiramos*, isto é, a partir do momento que nos colocamos na condição de *sujeito suposto saber* tal qual um decifrador de vidas alheias estabelece-se, assim, uma amizade, uma relação político-amorosa (e crítica) entre o crítico e o objeto-amigo. Há uma transferência entre aquele e este a qual se fundamenta, sumariamente, no desejo. Em suma, a perspectiva transferencial é tão latente no âmbito crítico-biográfico que quando falamos do outro, cumprimos a difícil missão de falarmos de nós mesmos (SOUZA, 2011):

A cada relação proposta pelo crítico biográfico, uma história pessoal alheia é invadida pelo ‘decifrador de vidas alheias’ e, por conseguinte, um ‘romance familiar’ é estabelecido por meio do ‘intrusão’ que

usurpa o lugar, o desejo e, às vezes, a vida do outro. É nesse sentido que entendemos que qualquer produção de natureza crítica biográfica é, em algum sentido, a escritura de uma autobiografia (do próprio crítico). (NOLASCO, 2010, p. 41)

Por fim, amizades, encontros literários e relações crítico-objeto constituem a política da crítica biográfica trabalhada por Souza. Como explicitado neste artigo, o ficcional se alimenta da teoria e vice-versa, houve a diluição entre as fronteiras disciplinares e a leitura crítico-biográfica se endossa, substancialmente, no viés metafórico, isto é, aproxima-se ou distancia-se através da metaforização. Objetivou-se debater amizades políticas e literárias, tais como Drummond/Mário, Borges/Clarice e Borges/Wilde. E, como apontado anteriormente, *nunca falo do que não admiro*, haja vista que é quando eu falo do outro que falo de mim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luis Borges. Nota ditada em um hotel do Quartier Latin. In: _____. *Obras completas*. vol. 3. São Paulo: Editora Globo, 1999, pp. 455-506.

BORGES, Jorge Luis; FERRARI, Osvaldo. *Sobre a amizade e outros diálogos*. Trad. John O'Kuinghtons. São Paulo: Hedra, 2009.

DERRIDA, Jacques. *Políticas da amizade*. 1ª ed. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das letras, 2003.

FERRAZ, Eucaná. Alguma cambalhota. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das letras, 2013, pp. 81-99.

MICHAELIS. Significado da palavra amizade. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=amizade>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

NOLASCO, Edgar César. Uma história secreta. In: _____. *Quem tem medo de Clarice Lispector?* São Paulo: Intermeios, 2014, pp. 15-16.

_____. Políticas da crítica biográfica. In: *Cadernos de estudos culturais: crítica biográfica*. Campo Grande: UFMS, v.2, n.4, jul./dez. 2010, pp. 35-50.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____. *O século de Borges*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. Teorizar é metaforizar. In: CECHINEL, André (org.). *O lugar da teoria literária*. Criciúma: Ediunesc, 2016 pp. 217-224.